

INFLUENZA SUÍNA¹

Eduarda Almeida², Quezia Neu², Flavio Vincenzi Junior³; Patrícia Diniz Ebling⁴

Palavras-chaves: Biosseguridade, biossegurança, doença emergente, zoonose.

INTRODUÇÃO

A suinocultura industrial brasileira vem apresentando crescimento tanto na produção quanto na exportação de seus produtos. No entanto, concomitantemente, crescem também as barreiras não tarifárias, principalmente as de origem sanitária. Nesse sentido a Influenza Suína (IS) ou Influenza A, conhecida como gripe dos leitões ou gripe suína, tornou-se de grande importância após sua pandemia no ano de 2009, na qual humanos foram também infectados, revelando o risco que trabalhadores diretamente ligados à suinocultura e também a comunidade podem estar envolvidos (OLIVEIRA 2010).

A IS é causada por um vírus da *família orthomyxoviridae*, podendo ser dos tipos A, B, e C. As aves aquáticas, particularmente patos, servem de reservatório do vírus e fornecem o conjunto genético para formação de novos subtipos capazes de infectar mamíferos, de modo que as pandemias tem sido atribuídas aos efeitos combinados de higiene precária e de associação estreita de concentrações populacionais de humanos, aves e suínos (QUINN, 2005).

Segundo Ministério da Saúde, não há registros de transmissão pelo consumo da carne suína. Os sinais clínicos mais evidentes da IS em suínos são febre, anorexia, prostração, perda de peso e conjuntivite, os quais ocasionam perdas relevantes no desempenho dos animais. Devido aos prejuízos econômicos e de Saúde Pública associados a IS, objetivou-se relatar um caso sugestivo desta, em granja de suínos localizada no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

RELATO DE CASO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um produtor cooperado do sistema de creches e Unidade produtora de Leitão (UPL) de uma cooperativa solicitou assistência veterinária, relatando que os leitões

¹ Parte do Trabalho de Conclusão de Curso do terceiro autor, Flavio Vincenzi Junior.

² Acadêmicas do curso de graduação Medicina Veterinária, Centro Universitário FAI, Itapiranga, SC. E-mails: shainifelix@gmail.com, quezinha11@hotmail.com.

³ Médico Veterinário, egresso do Centro Universitário FAI, Itapiranga, SC.

⁴ Zootecnista, Dra, professora do Centro Universitário FAI, Itapiranga, SC.

estavam apresentando baixo consumo de ração, espirros e tosse intensa. A avaliação do lote, pelo médico veterinário, iniciou-se pela ficha de acompanhamento de lote, a qual constava que o lote de 1500 leitões havia sido alojado em 13 de setembro de 2015, de modo que completavam 45 dias de idade e 20 kg de peso corporal médio, na data da assistência. Durante avaliação dos animais constatou-se presença de espirros, tosse e dificuldade respiratória, além disso, aferiu-se a temperatura corporal de três animais, os quais apresentavam febre de 40,3°C (Figura 1). Com base nos achados clínicos, definiu-se um diagnóstico presuntivo de Influenza A. Segundo Corbellini (2010) problemas respiratórios caracterizados por tosse, espirro, descarga nasal, febre, letargia e redução do apetite correspondem aos sinais clínicos causados pela IS, que causa baixa mortalidade e alta morbidade nos lotes contaminados. A IS é uma doença altamente contagiosa e com ocorrência mundial, sendo que seus surtos estão associados à introdução de suínos no rebanho, uma vez que o vírus é eliminado em altas concentrações, através de secreções nasais de suínos infectados (QUINN, 2005). Flores (2007) ressalta que a severidade e a duração dos sinais clínicos dependem da dose e virulência da cepa viral, das condições ambientais e de manejo, e das defesas do hospedeiro.

Devido ao fato de que já haviam sido identificados casos positivos em granjas próximas, não foram solicitados exames laboratoriais. A suspeita é de que a contaminação tenha sido devido a entrada de novos animais na granja (matrizes) para reposição do plantel, sendo que esses animais eram oriundos de outro Estado. Para Oliveira (2010), o contato próximo entre os animais, práticas de manejo, fatores climáticos e ambientais também podem propiciar a disseminação do vírus em rebanhos suínos. A replicação do vírus da influenza é limitada ao trato respiratório superior e inferior desencadeando os sinais clínicos, sem comprovação em outros tecidos, a transmissão para outros animais ocorre através de secreções nasofaríngeas (SCHAEFER, 2013).

Foram indicados como tratamento Dipirona Sódica, Bromexina, Dexametasona associados à Tiamolina, administrados em água de bebida durante cinco dias, sendo que os mesmos apresentaram melhora significativa. Conforme Flores (2007), não existem tratamentos para IS, sendo recomendado manter os animais limpos e não transportá-los durante a fase aguda da doença. Além de medidas de biossegurança, o uso de expectorantes, antibacterianos, e anti-inflamatórios tem apresentados bons resultados no

controle da febre e infecções secundárias, diminuindo a mortalidade (ZANELLA, 2011).

Schaefer (2008) relata que atualmente existem vacinas comerciais disponíveis no Brasil contra o tipo H1N1, porém a cooperativa não faz uso da mesma. Para Quinn (2005), o uso de vacinas inativadas pode contribuir desde que o subtipo do vírus incorporado nas vacinas inclua aqueles envolvidos nos surtos. Já Santos (2014) defende que a utilização de vacinas pode reduzir a incidência e a gravidade dos casos clínicos, porém elas não oferecem proteção completa contra infecções, sendo considerada uma reavaliação de sua composição a cada estação.

Segundo Oliveira (2010) o suíno tem papel importante na transmissão de influenza, o mesmo é hospedeiro do vírus da influenza aviária e humana podendo, no seu aparelho respiratório, ocorrer uma recombinação viral gerando novos vírus, os quais os humanos podem ainda não ter imunidade. Zanella (2012) relata que apesar de não ser um risco de segurança de alimentos, de não estar presente na carne *in natura*, é um vírus infeccioso para humanos e várias espécies animais. Zanella (2012) ainda afirma que após emergência ocorrida em 2009 pelo vírus H1N1pdm09, análises, pesquisas e diagnósticos tornaram-se importante para monitoramentos de emergências de novas cepas e conseqüentemente surtos, em um estudo com soros de suínos coletado de granjas no período de julho de 2009 a dezembro de 2011, constatou-se prevalência de 60% de soros positivos para IS. Valores semelhantes foram encontrados por Schaefer (2015) durante um período de 2009 a 2012, em que 1970 amostras de 131 granjas comerciais em sete estados brasileiros foram coletadas de suínos nas fases de creche e crescimento, destas 117 amostras foram positivas para IA e identificados subtipos H1N2, H3N2, H1N1pdm09, todos relacionados intimamente com o vírus sazonal que circula em humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência de novos subtipos do vírus da Influenza A vem causando dificuldade no controle e diagnóstico dessa doença. Portanto, há a necessidade de melhorias na vigilância sanitária e epidemiológica, no sentido de identificar a prevalência e os novos subtipos virais da Influenza A, possibilitando o planejamento das melhores medidas de manejo e controle da infecção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FLORES, E. F. et al. Orthomyxoviridae. In: FLORES, E. F. *Virologia Veterinária*. Santa Maria. UFSM, p.722-753. 2007.
- GAVA, D. et al. *Influenza, Diagnóstico de Influenza A em Suínos: da granja ao laboratório*. Folder 1.ed.; 2014.
- GORBELLINI, L. G.; MARKS F.; TODESCHINI, B. Panorama da influenza A pandêmica H1N1 em suínos: situação atual e avaliação dos riscos. 2010. 52 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina Veterinária, Faculdade de Veterinária UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes para o Enfrentamento à Pandemia de Influenza a (h1n1): ações da atenção primária à saúde. Brasília, 27 de julho de 2009.
- OLIVEIRA, N. A. S; IGUT, Aparecida Mari. O vírus Influenza H1N1 e os trabalhadores da suinocultura: uma revisão. 2010. 361 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina na Previdência Social, Faculdade de Ciências Médicas Fcm/unicamp, Campinas -SP, 2010.
- QUINN, P. J. et al. *Microbiologia Veterinária e doenças infecciosas*. Traduzido por Lúcia Helena Niederauer Weiss e Rita Denise Niederauer Weiss. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SANTOS, F.C. et al. Influenza Suína – Aspectos atuais no controle e tratamento desta doença emergente. *Revista Científica de Medicina Veterinária*, Jaboticabal, SP, p.2-13, 12 jul. 2014.
- SCHAEFER, R. et al. Avanços em Sanidade Produção e Reprodução de Suínos: Diversidade genética dos vírus influenza A isolados de suínos no Brasil. Porto Alegre: David Emilio Barcellos, Fernando Pandolfo Bortolozo, p.312. 2015.
- SCHAEFER, R.; TREVISOL, I. M.; PALUDO, E. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento: Avaliação da Presença do Vírus Influenza em Suínos no Sul do Brasil. Concórdia -SC: Vivian Fracasso, p19. 2008.
- ZANELLA, J.C.; BRETANO, L. Influenza Suina. In: SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D. *Doenças dos Suínos*. 2.ed. Goiânia: Cãnone, P.355-362. 2012
- ZANELLA, J. Ciacci et al. Influenza em Suínos no Brasil: o problema e o que pode ser feito para manter a infecção controlada nas granjas afetadas. Vi Sinsui: Simpósio Internacional Suinocultura, Porto Alegre, p.85-91, 10 maio 2011.



Figura 1. Leitão com febre superior há 40°C de febre.
Fonte: Do autor.



Figura 2. Sequelas da conjuntivite após IS.
Fonte: Do autor.